

Deixem a Amazônia em paz...

Victor Sadeck Filho *

"O tempo presente e o passado estão, talvez, presentes no futuro. E o tempo futuro contido no passado."

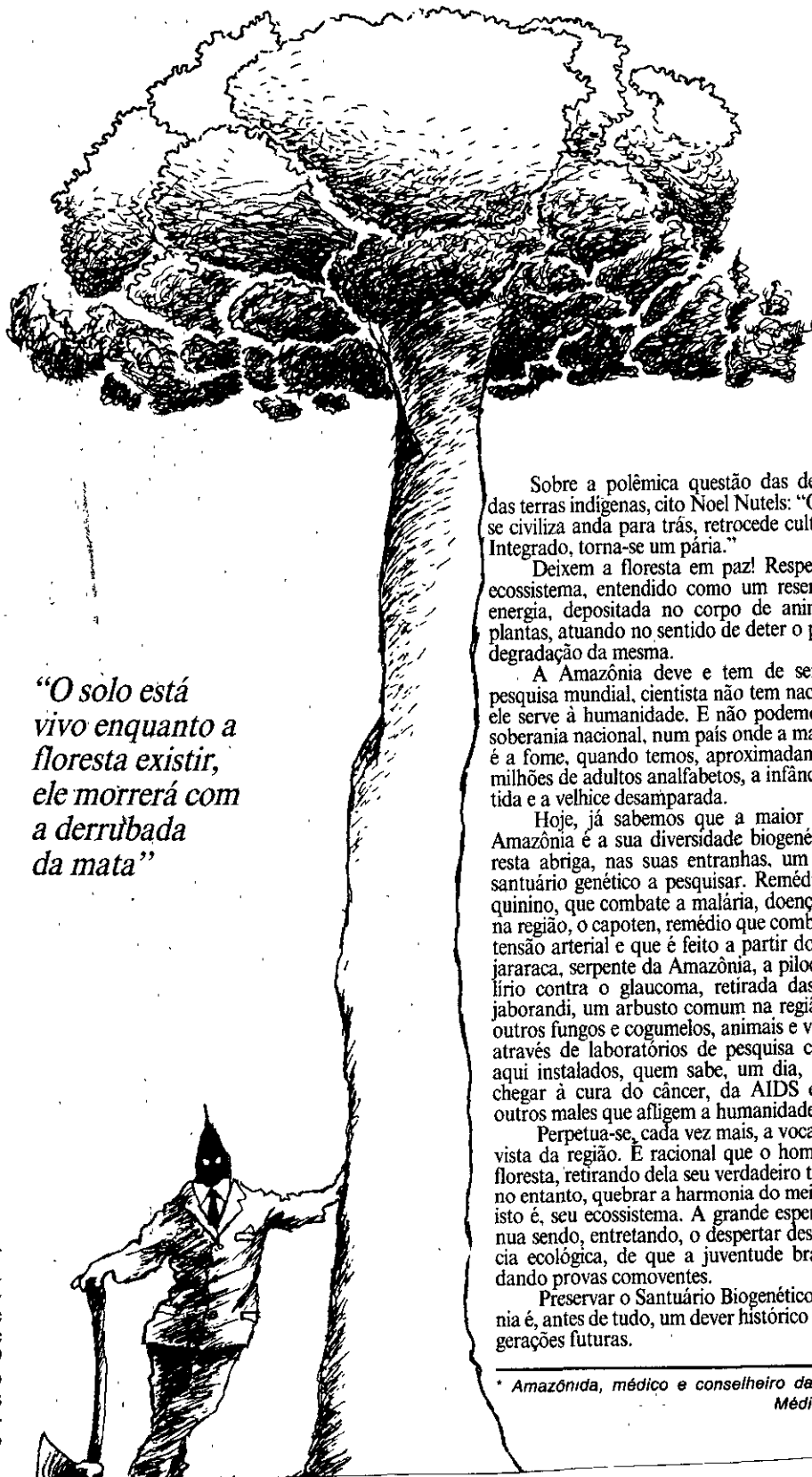
T.S. Eliot

Vivemos um momento em que todo o planeta desperta para a Amazônia. É chegada a hora de o brasileiro, principalmente o amazônida, tomar consciência de nossa verdadeira riqueza.

Sabe-se, que apesar de a Floresta Amazônica possuir uma vegetação exuberante e portentosa, seu solo é pobre em nutrientes. As espécies crescem sobre um solo muito superficial, pouco profundo, que raramente tem mais de 20cm, sendo formado, em sua maioria, por restos vegetais em decomposição: embaixo, apenas areia e argila. Haroldo Gioli, em 1959, dizia: "A selva amazônica vive mais em cima do solo do que do solo, cujo papel consiste mais num substrato mecânico do que num fornecedor de nutrientes." Ora, é fácil concluir que transformar essa região em um semi-deserto é apenas uma questão de tempo; no momento em que for removido o manto verde, nada mais impedirá que o húmus acumulado, que é renovado continuamente enquanto houver floresta, seja carregado para os rios pelas chuvas torrenciais que caem diariamente. Com isso, afirma-se seguramente: "O solo está vivo enquanto a floresta existir, ele morrerá e desaparecerá com a derrubada da mata." É preciso, porém, não esquecer que estamos diante de uma das últimas reservas vegetais do planeta e que o exemplo de exploração das matas brasileiras, em 5 séculos, é desanimador. A lição, portanto, é não procurar contrariar as forças da natureza, desnudando os solos já naturalmente pobres ou quebrando o equilíbrio ecológico, uma vez que o regime das águas está intimamente ligado à própria floresta. Não queremos, com isso, dizer que a floresta deve constituir uma barreira ao desenvolvimento socioeconômico da Amazônia. Ao contrário, deve ela ser considerada um dos seus mais preciosos recursos.

Tentativas de colonização, como o Projeto Jari, e a grande estrada "vicinal" Transamazônica, tornaram-se fiascos. O mais triste e desumano, entretanto, foi o desmatamento selvagem e desordenado que fizeram no sul de minha querida Rondônia, ao longo da BR-364. Considerando-se, ainda, que estamos nos encaminhando para um dos maiores desastres ecológicos que já ocorreram nesta região, com o maior afluente do Rio Amazonas, margem direita: o Madeira; na corrida desesperada pelo "vil metal", despejam-se anualmente em suas águas 8 toneladas de mercúrio, para se retirarem 15 toneladas de ouro. Esse mesmo rio Madeira, onde ainda podemos ver pintados, matrinxãs, tucunarés, tambaquis, dourados, surubins — espécies que certamente desaparecerão se nada for feito no sentido de proteger fauna e flora amazônicas.

É verdade que é uma tolice de "gringo" dizer que a Amazônia é o "pulmão" do mundo. Isto já foi rebatido há mais de duas décadas pelo fisiologista brasileiro Paulo de Tarso Alvim, que até hoje afirma: "O oxigênio que a floresta produz durante o dia, ela consome durante a noite". (do livro *O Complexo da Amazônia*.) E, segundo estudos do ecologista Lamont C. Cole, "são as diatomáceas marinhas que produzem cerca de 70% do suprimento anual do oxigênio da Terra (originário do Oceano Pacífico)".



"O solo está vivo enquanto a floresta existir, ele morrerá com a derrubada da mata"

Sobre a polêmica questão das demarcações das terras indígenas, cito Noel Nutels: "O índio que se civiliza anda para trás, retrocede culturalmente. Integrado, torna-se um pária."

Deixem a floresta em paz! Respeitem o seu ecossistema, entendido como um reservatório de energia, depositada no corpo de animais e nas plantas, atuando no sentido de deter o processo de degradação da mesma.

A Amazônia deve e tem de ser aberta à pesquisa mundial, cientista não tem nacionalidade, ele serve à humanidade. E não podemos falar em soberania nacional, num país onde a maior doença é a fome, quando temos, aproximadamente, vinte milhões de adultos analfabetos, a infância desassistida e a velhice desamparada.

Hoje, já sabemos que a maior riqueza da Amazônia é a sua diversidade biogenética. A floresta abriga, nas suas entranhas, um verdadeiro santuário genético a pesquisar. Remédios como o quinino, que combate a malária, doença endêmica na região, o capoten, remédio que combate a hipertensão arterial e que é feito a partir do veneno da jararaca, serpente da Amazônia, a pilocarpina, colírio contra o glaucoma, retirada das folhas do jaborandi, um arbusto comum na região; e tantos outros fungos e cogumelos, animais e vegetais, que através de laboratórios de pesquisa científica, se aqui instalados, quem sabe, um dia, poderíamos chegar à cura do câncer, da AIDS e de tantos outros males que afligem a humanidade.

Perpetua-se, cada vez mais, a vocação extrativista da região. É racional que o homem viva na floresta, retirando dela seu verdadeiro tesouro sem, no entanto, quebrar a harmonia do meio ambiente, isto é, seu ecossistema. A grande esperança continua sendo, entretanto, o despertar desta consciência ecológica, de que a juventude brasileira vem dando provas comoventes.

Preservar o Santuário Biogenético da Amazônia é, antes de tudo, um dever histórico para com as gerações futuras.

* Amazônida, médico e conselheiro da Associação Médica Brasileira